

Um nome onipresente na cultura em 2011

Como ator, autor ou diretor, Pedro Brício começa o ano a mil, trabalhando em várias peças e um longa-metragem

Luiz Felipe Reis

O ensaio acaba de terminar na sede da Cia. dos Atores, e Pedro Brício é o primeiro a sair da sala. Segundos depois, os atores preenchem a recepção. A expressão de cansaço estampada no rosto dele é a mesma que salta de todos. Assim como o alívio e o clima de relaxamento que preenchem o lugar quando ele anuncia:

— Gente, a peça foi adiada, acho que vamos ter mais uma semana. Vamos cancelar o ensaio de sábado.

O desanuviar da tensão é geral, mas principalmente do diretor e autor de “Me salve, musical!”, que estreia dia 14, no Oi Futuro Flamengo. A montagem é apenas o começo de um ano cheio até a tampa — são três espetáculos como diretor, três como autor, além de uma peça e um longa como ator. E é por isso que antes de falar sobre tudo ele pede licença para ir até o carro tomar um ar e pegar uma blusa limpa. Quando retorna, traz uma sacola plástica com latinhas de cerveja.

— Você não bebe durante o trabalho? — pergunta, oferecendo uma.

Até beber uma cerveja tem a ver com o que Pedro faz no palco. E a conexão entre as latinhas e o trabalho fica ainda mais clara quando a marca que ele costuma comprar tem o mesmo nome da peça que encena desde o ano passado com a Cia. dos Atores. Coincidências à parte, desde então ele não se desapegou — do trabalho e da cerveja. Antes de encenar “Devassa”, que

agora segue para São Paulo, ele havia prometido que tiraria 2009 para escrever e ficar longe dos palcos. O ano de 2008 havia sido recompensador: financeiramente, pelos programas televisivos em que esteve escalado; mas também pelo aval da crítica e do público por “Cine-teatro limite”, montagem que lhe rendeu mais uma indicação ao Shell (ele já havia recebido o prêmio de melhor autor por “A incrível confeitaria do Sr. Pellica”). Mas a promessa se quebrou, e o tal ano se partiu ao meio quando três novos papéis bateram à porta — além de “Devassa”, “Laranja azul”, do inglês Joe Penhall, e “Aqueles mulheres”, de Neil LaBute.

— Funciono em fases e, quando decido escrever, preciso me desligar do diretor ou do ator — diz. — Então, antes de embarcar nessas peças, escrevi bastante. Tinha ganhado um dinheiro bom na TV, mas percebi que não dava para me sustentar até o fim do ano.

As “férias” acabaram sendo mais curtas do que o esperado, mas o saldo foi positivo. Se em peças como “A incrível confeitaria do Sr. Pellica” (2005) e “Cine-teatro limite” (2008) o autor levou de um a dois anos para fincar o ponto final, em seu meio ano sabático Pedro mergulhou num surto criativo que lhe rendeu três novos textos. Da fornada saíram, além



Mônica Imbuzeiro

PEDRO BRÍCIO estreia “Me salve, musical!” dia 14 no Oi Futuro Flamengo

de “Me salve, musical!”, “Comédia russa”, que estreou no segundo semestre deste ano e segue com Os F... Privilegiados para o Festival de Curitiba no começo de 2011, “Trabalhos de amores (quase) perdidos” e “Rimbaud”, a ser dirigido por

Isabel Cavalcanti.

— Foi um período muito intenso. Lia um livro por dia, mergulhei em Dostoiévski, estava louco. As pessoas me encontravam na rua, perguntavam o que eu estava fazendo e eu dizia que estava lendo, só lendo... — re-

corda. — Mas tem um ponto em que você começa a se sentir muito sozinho, isolado, à margem realmente. O processo de escrita é muito solitário.

Se a obra não deixa de ser um reflexo do autor, Pedro Brício não é exceção à regra. E entre o gosto pela reclusão da escrita e o prazer da exposição no palco, ele se revela como a personificação de um jogo de opostos. Tímido e retraído à primeira vista, aos poucos se deixa levar por sonoras gargalhadas e um palavrório sem freios. Pedro Brício se identifica com o caos, sente prazer em confundir primeiras impressões. E é por isso que mescla na cabeça estudos de Nietzsche, Beckett e Molière com lembranças de uma infância regada a filmes de ação, luta e ficção científica. Suas peças adoram brincar com os gêneros. Não apenas quanto ao sexo dos personagens que constrói, com homens vestindo-se de mulher e vice-versa. Ao longo dos anos, escreveu comédias que se transformam, de uma cena para a outra, em dramas melancólicos, como fez em “Cine-teatro limite”, assim como espetáculos que enveredam, de repente, pela tragédia grega, como é o caso de “Me salve, musical!”.

— Os assuntos podem variar, mas todas as minhas peças tocam no jogo entre o destino e o acaso, a razão e a fé. Gosto de misturar a tensão metafísica com dilemas absolutamente

mundanos, o clássico com o grotesco, o trágico com o humor rasgado — diz. — Trabalho assim porque acho que o mundo abarca tudo, e como espectador gosto de não saber a que estou assistindo. Quando você cai num lugar estranho, você não sabe se deve rir ou não. Isso me interessa, porque acho que a vida é assim, a vida é ao mesmo tempo muitas coisas.

Universo tresloucado

E é justamente essa capacidade de construção e desconstrução de universos opostos que atrai o ator Gustavo Gasparani. Prestes a embarcar em “Me salve, musical!”, ele busca paralelos em Mauro Rasi, Pedro Almodóvar e Federico Fellini para tentar caracterizar o tresloucado universo dramaturgicamente criado por Pedro:

— Há uma criatividade e uma identidade muito fortes em suas peças. Seu olhar sobre o mundo é, ao mesmo tempo, crítico e poético.

Também no elenco de “Me salve, musical!”, Isabel Cavalcanti diz que se “entende no silêncio” com o autor. Cofundadora da Zeppelin Cia. de Teatro e parceira dele no palco há mais de 15 anos, ela aprendeu a apreciar o “humor cáustico e o desvario” de um diretor “generoso”, dono de uma personalidade “séria e brincalhona na mesma medida”.

— Você não sabe onde começa a seriedade e onde termina a brincadeira — diz. — E é na sua dramaturgia que o Pedro deixa a gente conhecer toda a sua inteligência brilhante, a sua ironia, o seu delírio, e toda a sua ternura pelo outro. Pela vida. ■

ROBERTO CARLOS

Especial de Natal

Não perca, na Globo, a transmissão do show do Rei direto de Copacabana. Hoje, logo após Passione.

Seu Natal vai ser inesquecível. Reúna sua família para assistir, na Globo, à apresentação inédita do rei Roberto Carlos na praia de Copacabana. Show aberto ao público e com convidados especiais.

DIREÇÃO DE NÚCLEO: ROBERTO TALMA.

Realização: DC SET Promoções

A gente se vê por aqui.
www.globo.com/especiaisdefimdeano
Siga @rede_globo
www.redeglobo.com.br

Classificação indicativa: livre